

Luto

Apresentação



O luto está presente neste dossiê em suas diferentes vertentes de significado, análise, compreensão e discussão. A experiência e a expressão humanas diante da morte e do luto, as perguntas instigantes e desafiadoras e as respostas – nem sempre conclusivas – compõem o que buscou-se trazer para o leitor.

Discutir a morte e sua relação com o luto é sem dúvida um tema clássico das Ciências Sociais e ao mesmo tempo um desafio. Os sentimentos que envolvem a morte, o morto, os entes queridos que o rodeavam e transitam no luto implicam uma série de sensações, expressões, práticas e rituais que podem ser observadas de maneiras muito diversas e ser abordadas em perspectivas que enfocam o indivíduo ou o coletivo, o doméstico ou o público, da subjetividade à expressão pública de sentimentos pautados pelo social.

Os olhares transdisciplinares permitem potencializar linhas de trabalho que, lidas através do estético, do político, do antropológico, do sociológico, do histórico e do psicológico, conjugam ações para compreender um objeto de estudo complexo, que se relaciona simultaneamente ao familiar e ao exótico, ao simples e ao complexo. Para além das experiências pessoais, que são um ponto de partida muitas vezes excepcionais para compreender os processos frente a morte, a incorporação de conceitos e articulações teóricas permitem avançar a partir de enfoques metodológicos nos quais as diferentes disciplinas permitem densos e originais níveis de compreensão.

* Doctora en Ciencias Humanas/Antropología Cultural por la Universidad Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Investigadora del Instituto de Antropología Córdoba (IDACOR). Directora del Museo de Antropología de la Universidad Nacional de Córdoba (UNC). Investigadora del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET). CV: <<http://flasco.org.ar/docentes/da-silva-catela-ludmila-gilda-veronica/>>.

** Pós-doutora pela University College of London. Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora titular da PUC-SP no Prog. de Estudos Pós-Grad. em Psic. Clínica e na Fac. de Ciências Humanas e da Saúde. Coord. do Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto (LELu). Membro do International Work Group on Death, Dying and Bereavement (IWG). CV: <<http://lattes.cnpq.br/7212544549219278>>.



Um dos aportes que propõem os estudos sobre a morte presentes nesse dossiê é a insistência em observar não só os processos de destruição do mundo dos vivos diante da morte de um ente querido e a experiência subjetiva do sofrimento, mas também o enfoque sobre os processos de reconstrução e as formas sociais, comunitárias, culturais e afetivas para compartilhar essa experiência social. Neste âmbito, pode ser inserido o artigo de Gabriela Casellato, *Intervenção do profissional de saúde mental em situações de perda e luto no Brasil*, que analisa o chamado “luto complicado” e as possibilidades de intervenção do profissional voltado para a área psicológica junto ao enlutado. Esse enfoque construtivista também pode ser identificado no artigo de Carolina Junqueira dos Santos, *Um lugar para o corpo: fotografias familiares em contexto de luto*, quando analisa densamente o papel do dispositivo fotográfico durante o luto, através do qual a presença de ambos os corpos – do vivo e do morto – passa a ser central no processo simbólico que se desenvolve. Nesta linha analítica, o trabalho intitulado *Imágenes para el duelo: Etnografía sobre el cuidado y las representaciones de la muerte en torno a los desaparecidos en Argentina*, de Ludmila da Silva Catela, retoma as ideias da fotografia como o lugar de memória dos corpos desaparecidos por razões políticas na Argentina por ocasião da ditadura militar no século XX. Igualmente, diante da situação limite da morte, Montse Morcate mostra em *Tipologías y re-mediación de las imágenes de muerte y duelo compartidas en la memorialización online* como a comunidade imaginada, criada online em sites especializados sobre o luto, passa a ser um espaço de comunicação, apoio e visibilidade das pessoas que sofreram a morte de um ser querido, mediante ações e reações produzidas frente a publicação de imagens por ocasião da morte.

Se seguirmos este jogo de duplo vínculo de destruição e reconstrução traçado nestes trabalhos, podemos recorrer a algumas linhas de significados e símbolos que aparecem aqui e ali nos processos sociais e culturais frente a morte. Um caminho de reconstrução dos mundos fragmentados e desgastados frente aos corpos que não mais se fazem presentes é o recurso ao uso da arte e da fotografia. O mesmo se dá em relação à construção dos lugares de memória, como proposto no artigo de Janaína de Almeida Teles, que analisa em *Luto e Memória da ditadura: O Memorial dos Desaparecidos de Vila Formosa, em São Paulo* o Memorial dos Desaparecidos da Vila Formosa, no qual os testemunhos fazem parte dos mundos restituídos e se afirmam como objeto de recordação e de ritual. No processo de reconstrução de memórias relativas aos desaparecidos, as fotos tiradas a prisão representam um dos caminhos para se evitar que aqueles indivíduos caíssem no esquecimento, que poderia ser pior do que o próprio desaparecimento. Nesse sentido, é possível perguntar se a morte não se daria de forma completa apenas quando ninguém mais se lembrasse da pessoa morta?

Fotos que devolvem olhares; fotos que constroem solidariedades distantes e próximas; fotos que permitem chorar, abraçar e sepultar os mortos. Imagens que salvam cada um dos corpos que já não estão entre nós do esquecimento. Restituem laços, reconstroem diálogos e permitem rituais em torno desses olhares ausentes e presentes ao mesmo tempo. Fotos junto a velas, flores, conversações, lugares especiais na casa e nas redes sociais e monumentos permitem recolocar nos lugares de lembrança os afetos e sentimentos dos vivos. Ao mesmo tempo que essas imagens e os objetos que refletem uma cultura material da memória, voltam de alguma forma a

representar sua presença / ausência. É interessante como neste processo de reconstrução da vida daquele ser querido que já não está, se fala da perda, apelando-se constantemente às metáforas do vazio que fica e dos vestígios deixados nas memórias.

É nesse sentido que a imagem fotográfica, a arte, os lugares de memória os rituais religiosos representam espaços de proteção contra o esquecimento, como que reservatórios de lembranças e recordações, lugares de proteção e guarda daquilo que pode retornar uma ou outra vez para voltar a tecer a comunidade imaginada que existia antes da morte e que o luto reconstitui a partir de outros lugares. Significativa nesse sentido é a análise proposta no artigo *Vivos e mortos no 'Círculo de Oração': o rito de luto na Igreja Assembleia de Deus*, de Andreia Vicente da Silva, sobre o "Círculo de Oração" e a ritualização do luto evangélico na Assembleia de Deus de Todos os Santos, na praia de Mauá, no Rio de Janeiro. Em seu relato, a autora demonstra de que forma a religião e suas práticas podem engajar vivos e mortos num processo de ressignificação para o luto, ao partir de relatos de sonhos e visões, bem como de profecias que, segundo ela, permitem construir fronteiras mais porosas entre a vida e a morte.

Outro ponto a se destacar é que muitos dos autores clássicos, a exemplo de Barthes (1984), Benjamín (1994), Thomas (1991) – e algumas das autoras que escrevem neste dossiê – esboçaram teorias sobre a morte, apelando para suas próprias experiências vitais para dar conta desta relação quase mágica entre a imagem e a morte. Esse gesto de tornar reflexiva a experiência pessoal arrasta uma relação poderosa entre a morte como experiência universal e a imagem fotográfica, o ritual, a ação artística como exercício de sedução diante dos olhares e o rosto de quem já não nos acompanha com seu corpo e suas palavras. Cada uma dessas representações são corpos imaginados, corpos que dialogam e que permitem traduzir a morte e transitar pelo luto. Inclusive, quando se analisa a fotografia da morte como um lugar vazio ou melancólico, se está reconhecendo nela a representação da própria morte.

Imagens e narrativas acompanham os vivos quando devem enfrentar a morte de seus entes queridos. Estas podem estar traduzidas em uma fotografia, um memorial uma página da internet ou um círculo de oração. Os canais culturais, sociais e religiosos fornecem substratos comuns para ações, práticas e rituais, lugares de memória, lugares para corpos desaparecidos e processos de luto para comunidades de afeto que necessitam expressar seus sentimentos e reconstruir suas vidas. Manter os mortos na memória é o desafio. Os apoios e veículos dessas memórias são variados, tradicionais ou criativos, como pode ser lido nas pesquisas aqui apresentadas. O que importa é que eles estão lá para sair das ruínas da demolição provocada pela morte e colocar-nos na reconstrução que a vida nos propõe. A morte, a perda e o processo de luto nos confrontam com processos impensados, nos desestabilizam, nos fazem desmoronar. Mas nos reconstituem como novas pessoas, com processos de identificação capazes de reverter a dor e o trauma. Como toda situação limite, a morte nos demole e nos constrói ao mesmo tempo.

As questões éticas em relação aos estudos sobre o luto são outros dos eixos que permeiam os trabalhos deste dossiê, especialmente aqueles que apresentam uma abordagem na área da Psicologia. No artigo *Reflexões sobre os cuidados éticos na pesquisa com enlutados*, Luciana Mazorra, Valeria Tinoco e María Helena Pereira Franco discutem as questões metodológicas e



éticas presentes em pesquisas científicas com pessoas que passaram por experiências de perda e luto, a fim de potencializar os benefícios das investigações na área da Psicologia. Ao explicitarem a forma pela qual conduziram os estudos sobre a atribuição de significados às novas experiências e situações vivenciadas pelo enlutado a partir de sua perda e a articulação entre esses significados e as possibilidades indenitárias, Ivania Jann Luna e Carmen Ojeda Moré demonstram, em *Narrativas e processo de reconstrução do significado no luto*, que pesquisas sobre o luto requerem atenção específica do profissional não apenas quanto à natureza do fenômeno em foco, mas também quanto às suas implicações metodológicas.

Esses olhares mostram que a ética não deve ser apenas uma opção individual do investigador, mas uma ação metodológica que ao mesmo tempo que nos permite transitar por nossas pesquisas possui um ponto de vista político que implica em ações cuidadosas e não invasivas. A partir dessas perspectivas, tanto a pesquisa quantitativa quanto qualitativa sobre a morte e os processos de luto devem nos levar a elaborar não só um protocolo ético de trabalho, mas também de respeito pelos indivíduos em contexto de sofrimento. Nesse sentido, as pesquisas sobre essas situações limites devem nos permitir traçar objetivos que, sem negligenciar a distância crítica necessária, não nos endurecem de tal forma que não possamos respeitar a dor dos outros; que nos permitam compreender a experiência humana que nos cerca e nos confronta na alteridade em relação à morte. O risco da significação rasa e pré-fabricada quanto a representação pictórica da morte e do luto, sobretudo em seus desdobramentos emocionais, não se apresentou nos artigos deste dossiê. Respeitar o particular e entender o coletivo no que se refere aos significados atribuídos a morte e ao luto é um terreno delicado a ser percorrido com cautela.

Como se poderá perceber, os textos que seguem a esta apresentação dão conta de várias visões disciplinares sobre morte e luto. Os temas se encontram e sobrepõem como no enredo dos fios de uma urdidura. Sem dúvida, as abordagens disciplinares marcam particularidades, mas os cruzamentos de pontos de vista e abordagens permitem uma leitura transversal do assunto nesta edição da *Revista M.*

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1984. 188p.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. 254p.

THOMAS, Louis-Vincent. *La mort en question: traces de mort, mort des traces*. Paris: L'Harmattan, 1991. 538p.

